

Escola sem Partido em vias de midiática antes, durante e pós eleições presidenciais brasileiras¹

Vivian Jorge²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS.

Resumo

Atualmente, os meios de comunicação tornaram-se condições fundamentais no cotidiano de muitos indivíduos. Nesta assertiva, estar conectado numa sociedade de novos meios traz diferentes discursos e interações que dependem de uma variedade de mediações. Assim, este artigo enquanto parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, busca trabalhar um processo de midiática na área educativa, cujo caso é o Movimento Escola sem Partido. Mais especificamente, temos por objetivo discutir o conceito de midiática inserido no cenário social da discussão do Escola sem Partido, antes, durante e pós eleições presidenciais brasileiras 2018, a partir de materiais produzidos na esfera midiática que geraram novas produções de sentidos. Atentamos, também, aos fenômenos da circulação e das práticas sociais.

Palavras-chave: circulação; educação; Escola sem Partido; midiática; produção de sentidos.

Introdução

Há muito tempo os campos da educação e comunicação passaram a trabalhar juntos no ideal da formação humana. Neste viés, muitos recursos utilizados hoje contribuem para aprendizagem individual ou em grupo, dentro ou fora da escola. Já a instituição escolar tem papel fundamental na instrumentalização da aprendizagem enquanto ação geradora de interação social.

Estas interfaces comunicação e educação inseridas na sociedade midiática por meio da aprendizagem, conforme propõe Braga (2002) parte da relação da aprendizagem social e os processos mediáticos como novas situações de interação em um mundo

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Jornalista, Produtora Editorial e Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na linha de Pesquisa em Midiática e Processos Sociais, e-mail: vivianjornal@gmail.com.

largamente mediatizado. Neste espaço, a midiatização insere-se no uso das tecnologias, no impacto sociocultural, na produção de sentidos, na vida de cada um, ou mesmo, em forma de linguagem na perspectiva comunicacional das mídias.

A par disso, no contexto midiático e eleitoral do ano de 2018 observamos o tema Escola sem Partido (ESP) retomar ascensão após especulações a Jair Bolsonaro ser candidato à presidência república.

O primeiro contato com o tema, via site do movimento ESP³, nos chama atenção em sua *homepage* o link “Corpo Delito” que trazia inúmeras denúncias de perfis de professores (com foto e nome) que eram contra a proposta do ESP.

De imediato, visitamos a página do ESP no facebook e observamos diversos comentários e compartilhamentos que geraram diferentes sentidos por parte da instituição/atores sociais.

A partir deste debate do campo educacional no contexto midiático, apresentamos por objetivo discutir o conceito de midiatização inserido no cenário social da discussão do Escola sem Partido, antes, durante e pós eleições presidenciais brasileiras 2018, a partir de materiais produzidos na esfera midiática que geraram novas produções de sentidos. Para tanto, elege-se como objeto de análise documentos de cunho jornalístico, veiculados na grande mídia, compartilhados pelo ESP na sua página do Facebook e que ganharam notoriedade um mês antes das eleições do primeiro turno, que ocorreu em 07 de outubro, durante as eleições e um mês depois do segundo turno (07/09/2018 a 28/11/2018).

Esse corpus é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que abrange demais documentos e pesquisas científicas entre 2015 e o momento atual. Para fundamentar nossa discussão sobre comunicação, circulação, aprendizagem, produção de sentidos, educação e jornalismo utilizaremos teorias de estudiosos das áreas da comunicação, educação e ciências sociais, bem como pesquisas a respeito do tema advindas de instituições de científicas.

Para abordar o assunto da midiatização, nossa principal análise, partimos do contexto da sociedade em midiatização, onde Fausto Neto (2012) nos explica que a midiatização se dá no funcionamento das instituições e de suas práticas diretamente afetadas pela presença dos meios e de suas lógicas e operações. do contexto da sociedade em midiatização.

³ escolasempartido.org. Acesso em maio de 2018.

Movimento Escola sem Partido

Inspirado em iniciativa estadunidense NoIndoctrination.org⁴, o movimento Escola sem Partido (ESP) foi fundado em 2004 pelo advogado, Miguel Nagib, após uma indignação com o professor de história da filha que comparou Che Guevara a São Francisco de Assis. Há época, Nagib usou do gênero textual e escreveu uma carta aberta ao educador ilustrando sua insatisfação por ideologia política e religiosa em sala de aula. Conforme Bedinelli (2016), o procurador fez 300 cópias da carta e a distribuiu no estacionamento da entidade escolar.

Constituído com o apoio de pais e alunos que combatem a doutrinação política e ideológica em sala de aula, a primeira iniciativa comunicacional do movimento foi criar um site escolasempartido.org, enquanto suporte de comunicação na disseminação das ideias e instrumentalização de denúncias, controle e criminalização contra doutrinação ideológica. Hoje, o site disponibiliza a comunidade escolar um acervo sobre o tema, além de ser um espaço no qual a sociedade pode expressar opiniões sobre educação e doutrinação. O mesmo contempla, ainda, diversas acusações de professores que são contra o ESP; vídeos de pais, links para outras páginas sobre o movimento; processos judiciais; artigos de simpatizantes; depoimentos; livros didáticos; doutrinação pelo mundo; veja se você é vítima de doutrinação ideológica; representações ao MP; como planejar uma denúncia; contrariedade ao método Paulo freire; vazão a Síndrome de Escocolmo⁵; como defender seu filho; o papel do Governo; movimento estudantil; link para os blogs: Tomatadas (de autoria de Luis Lopes Diniz Filho, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná), nele fala sobre dicas de livros, artigos sobre diferentes temas e textos críticos à esquerda, ao método de ensino, a globalização, etc; e o blog: De olho no livro didático, também, de um professor, Orley José da Silva, faz denúncias de materiais didáticos, literários e pedagógicos que contém ocorrências de doutrinação, conforme se descreve em sua página. Além disso, conta no menu “Quem somos” apenas o nome do fundador, Miguel Nagib, o qual escreve

⁴ Site ficou no ar de 2002 a 2010, destinado a estudantes que se sentiam doutrinados pelos professores, cursos e atividades que estivessem fazendo ou participando. Criavam-se fóruns de discussões, onde os alunos relatavam a não liberdade intelectual "politicamente correta", bem como realizavam denúncias de professores.

⁵ dependendo do grau de sua identificação com o sequestrador, a vítima pode negar que o sequestrador esteja errado, admitindo que os possíveis libertadores e sua insistência em punir o sequestrador são, na verdade, os responsáveis por sua situação).

representando todos colaboradores, pais e estudantes, não indicando pessoalmente nenhum dos organizadores ou demais apoiadores. No item, Condições de Uso⁶, onde o EscolasemPartido.org intitula-se “Provedor”, compreendendo a própria organização, seus diretores e empregados.

Neste percurso, da construção do objeto de pesquisa partindo da lógica midiática na relação do sujeito com os campos social e educacional, Verón (2012, p. 14 e 15, tradução nossa) observa que dentro do processo histórico de midiatização, o avanço da internet possibilitou algumas mutações nas condições de acesso dos atores individuais ao discurso midiático, produzindo transformações inéditas nas condições de circulação, como por exemplo no acesso a informação, no uso dos dispositivos, na relação do conhecimento e a relação com o outro. Ou seja, uma vez que esta pesquisa busca trabalhar um processo de midiatização na área educativa, atentar-se a circulação de tais fenômenos será fundamental para a problematização empírica deste trabalho, a qual vamos tratar a seguir.

O ESP relaciona-se com a sociedade, também, por meio das redes sociais facebook e twitter, e o youtube. Segundo Carlón (2016) hoje vivemos em uma sociedade muito mais complexa, a hipermidiatizada, a qual contempla novos enunciados e discursos a partir das redes sociais e dos meios de comunicação. De encontro com o autor, a fim de ajudar nas estratégias de divulgação, em 2009, o ESP criou a conta no *Twitter* (@escolasempartid), hoje possui mais de 60 mil seguidores, e todo conteúdo postado ou compartilhado tem link direto com o *Facebook*. No *twitter* não aparecem os administradores da página, diferente do perfil no *facebook* (@escolasempartidooficial), que cita Miguel Nagib e a esposa Ruth Kisci como gerenciadores. Criado em 2014, o *facebook* tem a mesma proposta da conta do *twitter*, ser palco de diversos debates e divulgação do projeto. Atualmente tem mais de 200 mil curtidas.

Já, a conta do ESP no *Youtube*, com 995 inscritos desde outubro de 2011, tem apenas cinco vídeos que abordam doutrinação em sala de aula, manifestação de uma professora falando “Fora Temer” e um vídeo opinativo do coordenador do movimento e de sua esposa, a procuradora de justiça Ruth Kicis, sobre a Universidade Federal de Lavras criar oficinas de feminismo, gênero e história “das lutas” do movimento LGBT, em trote para calouros. Inscrita “Escola sem Partido”. Na página não consta descrições

⁶ Condições de Uso. **Escola sem Partido**. [2019?], Disponível em <<http://www.escolasempartido.org/condicoes-de-uso>>. Acesso em 15 de março de 2019.

de usuário ou quem publica os conteúdos, e não há tanta atividade e circulação quanto o *facebook* e o *twitter*.

Interessante acrescentar que estas investigações provenientes das mídias e canais do ESP nos serviram de embasamento para atingirmos o problema desta pesquisa: porque as mídias tornaram-se fontes e indícios de tantos estudos científicos, conforme Ferreira (2013) nos propõe:

O lugar que o digital no campo da comunicação enquanto processo social já atinge uma reestruturação do mercado (econômico, político e cultural) das “mídias” no Brasil. Nada assegura que se trata, como sugere a ideologia ingênua das redes, de um mundo novo, pós-mercado, pós-indústria monopolista, pós-ideologias. Há indícios suficientes de que se trata de uma internacionalização dos sistemas de produção, que capta, para seu funcionamento, as propensões de usos e interações conectados. (FERREIRA, 2013).

Programa Escola sem Partido

No cenário político do ano de 2014, o ESP ganhou apoio do Movimento Brasil Livre (MBL) ao combater a “ideologia de gênero”, com isso cresceu e angariou adeptos. Após, uma grande pressão exercida pelo movimento, o Plano Nacional de Educação (PNE) excluiu todas as metas relativas ao combate à desigualdade de gênero, foi então que Flávio Bolsonaro, deputado estadual há época, sugeriu ao coordenador do ESP, o Programa Escola sem Partido, via Projeto de Lei, a fim de colocar em prática as propostas do movimento. Eis que surge o Projeto de Lei (PL) n° 2.974/2014, que propõe a criação do Programa Escola sem Partido, no âmbito do sistema de ensino do Estado.

No mesmo ano, o vereador Carlos Bolsonaro, irmão de Flávio, apresentou à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro um projeto quase idêntico, o PL n° 867/2015. Assim, unindo forças para divulgar os PL's e implementar o Programa, foi criado o site do Programa Escola sem Partido⁷ com o intuito de disponibilizar dois anteprojetos de lei, um estadual e outro municipal, bastando a deputados e vereadores de qualquer lugar do Brasil acessar o site, copiar a proposta e apresentá-la como sua nas câmaras municipais e estaduais.

A página mantém informações sobre os PL's em andamento no país; leis municipal, estadual e federal; proposta do Programa (o que é, para que serve, pena aos

⁷ <<https://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em 15 de março de 2019.

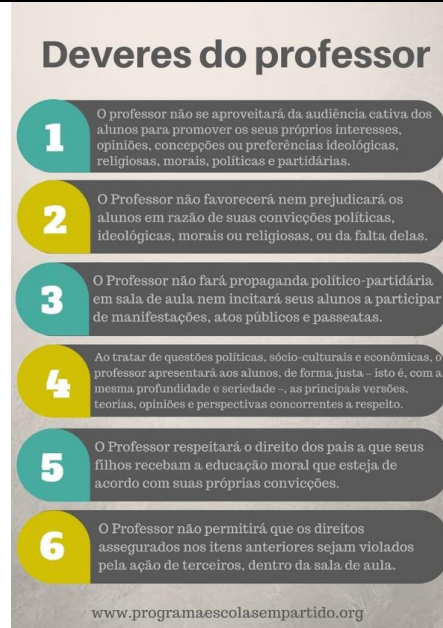
professores que desobedecerem ao que diz no cartaz do ESP, valores, ideologias); fontes Constitucionais e Normativas; e um item faça sua parte. Interessante que neste site tem o item “Eleições 2018”, ao clicar direciona a outra subpágina que traz links dos candidatos a Presidente da República, Senador, Deputado Federal, Governador e Deputado Estadual que se comprometeram publicamente a apoiar a proposta do Movimento Escola sem Partido. E, após, há menção ao candidato que “desejava” assinar o Compromisso Público, clicando no link. Logo abaixo, a seguinte mensagem: “Se você é eleitor, NÃO VOTE EM CANDIDATO QUE SEJA CONTRA O ESCOLA SEM PARTIDO”.

Com o uso das tecnologias como canal de informação, o tema retornou com força e neste âmbito, a comunicação foi e é fundamental na troca de experiências nas interações sociais e humanas, já a tecnologia dinamizou o processo e afetou diretamente os modos de transmissão da informação (ROSA, Ana Paula, 2013).

Atualmente existem cerca de 160 projetos de leis criados nos moldes do anteprojeto do ESP em todo o país. Um dos primeiros a nível nacional foi do deputado Erivelton Santana (PSC/BA), o PL 7180/2014, que inclui entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa. Após, o PL n. 867/2015, deputado federal Izalci Ferreira (PSDB-DF), ainda está sujeito a apreciação na Comissão especial Escola sem Partido. E o PL de nº 193/2016, do deputado federal na época Magno Malta (PR/ES) que inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido". O mesmo foi retirado pelo autor, em 2017.

Se aprovados, os projetos contemplarão o ensino fundamental e médio. Para tanto, os projetos sugerem, também, que sejam afixados nas paredes das salas de aulas um cartaz onde estarão escritos os deveres dos professores e o direito dos alunos de “não serem doutrinados”.

Figura 01 – Banner dos deveres dos professores



Fonte: www.programaescolasempartido.org. Acesso em maio de 2018.

No Rio Grande do Sul, o PL 190/2015 de autoria do ex-deputado estadual Marcel Van Hattem (PP/RS), foi criando a nível estadual nos mesmos moldes do âmbito federal. Porém, em 06/10/2016 o PL foi arquivado, segundo a Assembleia Legislativa do RS, o deputado quando retira um projeto não precisa dar justificativa, apenas envia um memorando. Em 2017, Van Hatten reapresentou o PL 163/2017, mas foi arquivado novamente porque ele era suplente de um deputado e saiu para ceder a vaga.

Alguns municípios do Estado discutem projetos semelhantes aos existentes, como São Lourenço do Sul, que em 2018, se tornou a primeira cidade do RS a aprovar uma lei municipal baseada nas diretrizes do movimento. No mesmo ano, o prefeito do município vetou o projeto. De acordo com um mapa interativo criado pelo Movimento de Professores Contra o Escola Sem Partido, no RS, há em torno de dez propostas municipais, além da estadual.

Análise e discussão teórica do objeto

Como referência exemplificadora do trabalho empírico, examinamos a última reportagem compartilhada pelo ESP antes das eleições 2018, que trata do “*Por que o Escola Sem Partido vai contra o papel da escola*”, produzida pelo site Educação Integral, em 04/10/2018. A reportagem fala do desequilíbrio de uma perspectiva conservadora, na

construção de uma educação mais democrática, neutra e verdadeiramente livre, ao analisar os argumentos de democracia no Projeto de Lei 7180/2014.

Figura 2 – print do facebook do ESP



Fonte: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

Esta postagem arrecadou 290 curtidas, 22 comentários e 26 compartilhamentos. Dentre as mensagens e comentários estavam questões de marxismo, perseguição virtual, palavras ofensivas e uma, de um apoiador, que nos chamou atenção que diz: “Apaguem esse post. Vocês ajudam a propagar o contrário do que pensam!”. Vemos aqui um exemplo de produção de sentido uma vez que a mídia produz diferentes efeitos e discursos, o qual Verón (1980), destaca pela produção e circulação dos discursos. Além, da instituição no intuito de defender suas ideias acabar gerando novos sentidos ou “sentidos contrários” em seus próprios apoiadores. Conforme Braga (2012) apud Verón (1998, p. 1, grifo do autor, tradução nossa)

Uma sociedade em vias de midiatização (distinta da sociedade mediática do período anterior [...]) não é por isso uma sociedade dominada por uma só forma estruturante, que explicaria a totalidade de seu funcionamento. A midiatização opera através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas consequências.

No que diz respeito ao jornalismo, Borelli (2012) observa que o processo de midiaticização causa impactos sobre o jornalismo, uma vez que há uma nova lógica produtiva nas relações dos campos sociais e seus sujeitos. “[...] é preciso entender que as relações entre os campos sociais e seus sujeitos são mutáveis e que o jornalismo é considerado uma prática específica que faz parte de um campo mais amplo, o midiático”.

Também destacamos a notícia do site Maragogi 7 segundos, durante o período das eleições (entre 7 e 28 de outubro), compartilhada em 11/10/2018, com a manchete *“Estudante acusa professores de doutrinação ideológica-partidária e gênero”*. Este caso traz a foto do perfil de um professor acusado de doutrinação pelo pai de uma aluna, menor de idade. Conforme a notícia, os docentes influenciavam os alunos a ideologias de gênero e de cunho partidário, com conceitos de partidos de esquerda.

Aqui atentamos para o enunciado da postagem feita pelos administradores da página do ESP no facebook, ao escrever: **“A VIDA DO MILITANTE DISFARÇADO DE PROFESSOR ESTÁ FICANDO CADA DIA MAIS DIFÍCIL...Só depende de nós acabar com a doutrinação nas escolas e universidades”**, e principalmente por um comentário que foi replicado na própria página.

Figura 3 – print do facebook com a postagem do caso 2

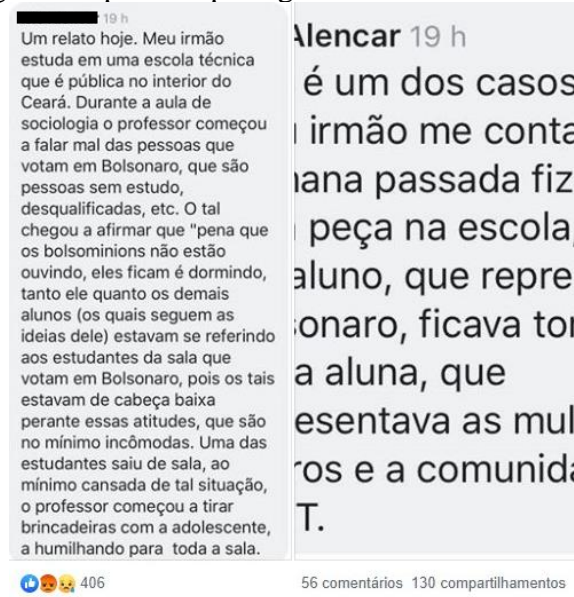


Fonte: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

Apesar da postagem trazer a foto do perfil do próprio professor processado, ainda que veiculado pela empresa jornalística, essa postagem teve duas mil curtidas, mil compartilhamentos e 69 comentários.

Dos enunciados gerados, vários sujeitos comentam que visitaram a página do professor, gerando outros efeitos e distinções sobre a “conduta” do educador. Entre os discursos, um vai de encontro com o título da postagem ao dizer: “Verdade. No perfil dele tem postagens psicóticas; “Deixa o Bolsonaro ganhar e quero ver essa turma vazar”. Outra questão que nos chamou atenção foi um novo circuito motivado por um discurso, onde a partir do comentário: “Um relato hoje. Meu irmão estuda em uma escola técnica que é pública no interior do Ceará. Durante a aula de sociologia o professor começou a falar mal das pessoas que votam em Bolsonaro, que são pessoas sem estudo, desqualificadas, etc. O tal chegou a afirmar que "pena que os bolsominions não estão ouvindo, eles ficam é dormindo, tanto ele quanto os demais alunos (os quais seguem as ideias dele) estavam se referindo aos estudantes da sala que votam em Bolsonaro, pois os tais estavam de cabeça baixa perante essas atitudes, que são no mínimo incômodas. Uma das estudantes saiu de sala, ao mínimo cansada de tal situação, o professor começou a tirar brincadeiras com a adolescente, a humilhando para toda a sala”, - os administradores da página fizeram uma imagem do comentário e repostaram na própria *timeline* gerando outras discussões e compartilhamentos, conforme imagem abaixo.

Figura 4 – print da postagem do caso 3 no facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

Aqui, partimos das estratégias midiáticas enquanto prática comunicacional em vias de midiática, onde da opinião pública se engendram novos fluxos comunicacionais, como se a instituição se alimentasse dos próprios discursos. No facebook, por exemplo, “a necessidade de revidar, responder ou ponderar as postagens de ambas partes configuram uma nova ambiência onde a tecnologia se converte em meios, afetando não só a organização social, mas práticas dos diferentes campos” (FAUSTO NETO, 2012).

Já Romancini (2018), observa que a mobilização política na midiática se dá a ampla adoção das novas mídias e dispositivos comunicacionais, por meio da interação e produção de novos conteúdos, neste viés é que pensamos o ESP ao aderir publicamente contrariedade a ideologia política em sala de aula, conforme observamos neste caso 2, por exemplo, como se a partir deste a sociedade midiática se articula na coprodução de novos processos e as práticas sociais.

No entanto, Fausto Neto (2006) também nos reforça que a chegada destes novos dispositivos digitais abriu espaços para acontecimentos midiáticos, onde os atores sociais (receptores) passam a ser protagonistas de suas próprias produções e discursos sociais.

O terceiro caso é a primeira postagem compartilhada na página do ESP no facebook, de cunho jornalístico, após a eleição de Bolsonaro, em 29/10/2018, produzida pelo G1: “*Deputada estadual do PSL eleita por SC incita alunos a filmar e denunciar professores*”.

Figura 4 – print da postagem do caso 3 no facebook



Fonte: Fonte: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>. Acesso em 07 de maio de 2019.

Neste artesanato intelectual e de circulação de saberes, o ESP manifesta percepções intelectuais, afetivas e sociais que vão de encontro com Braga e Calazans (2001), ao discutirem a autoformação como condução de aprendizagem e de formação das pessoas. Como também, um dos autores trabalha essa questão na mediação a partir de ações das mídias sobre a sociedade, onde diferentes campos sociais podem ser afetados pela mediação e suas convergências, Braga (2012).

Nesta ambiência escolar, de aprendizagem e novas condições culturais, os meios afetaram as lógicas do público e do privado, ao Ana Caroline Campagnolo (PSL), fazer uma publicação em rede social oferecendo um contato telefônico para que os alunos, vítimas de ideologia, enviassem vídeos de professores em sala de aula no momento em que fizessem "manifestações político-partidárias ou ideológicas". Verón (2012) enfatiza ao expressar "Campo de Batalha", a partir dos processos de circulação na internet, na medida em que o dispositivo da rede permite a qualquer usuário produzir conteúdo em modo público ou privado, uma vez que esse fenômeno causou nas redes estranhamento entre os sujeitos, corroborando com a premissa de prática social – prática de sentido, enquanto transversalidade discursiva na mediação, a qual ultrapassa o território específico dos meios enquanto limites explicativos, mas retoma os meios no interior de uma nova complexidade (FAUSTO NETO, 2006).

Ou seja, o ato de produzir esta estratégia, a deputada, no intuito de disseminar suas ideias resultou num acontecimento que vai além da existência dos meios, percorrendo outras esferas, entre elas jurídicas. Uma vez que, todas as práticas – institucionais e individuais – estão atravessadas por efeitos das configurações desta nova ambiência, significa dizer que o acontecimento depende cada vez menos de uma "decisão soberana" de um campo e de sua respectiva atividade de mediação. (FAUSTO NETO, 2012).

Considerações finais

A partir dos materiais selecionados buscamos destacar alguns ângulos que o Escola sem Partido, a mídia e os atores sociais tratam o assunto nos circuitos sociais em que circulam, uma vez que Gomes (2017) trata os processos comunicacionais como um avanço de uma sociedade dos meios, onde o midiático pode ser visto como matéria-prima de produção, e a mídia desempenha papel de dispositivos enunciadores da informação na

construção de um sentido social, o conceito da midiatização na insurgência dos episódios, enquanto método de formador de opinião, disseminador de ideias em rede e, principalmente, transformador social.

A área da educação vive uma crise existencial, onde os envolvidos (mestres, educadores e alunos) são afetados pelas condições dos meios, onde “a lógica de desqualificação do professor, se aproxima de uma lógica de mercado, que consiste em pensar a educação como uma relação entre alguém que está prestando um serviço e um consumidor”, (PENNA, 2017).

Resgatamos aqui a questão das mídias tornaram-se fontes e indícios de tantos estudos científicos. Para Castells (2013) a discussão das teorias sobre os movimentos sociais e suas práticas comunicativas na internet, como muitas manifestações e movimentos são expressões legítimas de caráter político, pois projetam uma nova utopia de democracia em rede baseada em comunidades locais e virtuais em interação. Neste viés, abordamos o ESP como uma política de protesto, que utiliza do engajamento digital como fluxo de conversação que geram circuitos caracterizadas pelo poder participativo e conversacional entre instituição e atores sociais. Seria então, um processo comunicacional resultante de interações mediatizadas.

Pensamos também a partir de Habermas, ao discutir valores, moralidade e política na sociedade a partir de um processo democrático.

Sociedades modernas são integradas não somente através de valores, normas e processos de entendimento, mas também sistemicamente, através de mercados e do poder administrativo. Dinheiro e poder administrativo constituem mecanismos de integração social, formadores de sistema, que coordenam as ações de forma objetiva, como que por trás das costas dos participantes da interação, portanto não necessariamente através da sua consciência intencional ou comunicativa. (HABERMAS, 1997a, p. 61)

Assim, para contextualizar as relações comunicacionais online ou não, parte-se do pressuposto que os processos e as práticas sociais ao serem afetados pelos meios se inserem na sociedade mediatizada.

Referências bibliográficas

BRAGA, José. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Midiatização*. Salvador: COMPÓS-EDUFBA, 2012. p. 31-52.

_____. Aprendizagem versus Educação na Sociedade Mediatizada. X Encontro Nacional da Compós, no GT Comunicação e Sociabilidade, foi publicado em “Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidade”, Belo Horizonte, PPG Comunicação/UFMG, nº 53, p. 26 a 39, 2002.

_____. Autoformação. Capítulo 7 do livro “Comunicação & Educação – questões delicadas na interface”. In: CALAZANS, Regina. São Paulo: Editora Hacker, 2001.

BEDINELLI, Talita. O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis. El País Brasil, Política. São Paulo, 25 jun. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

CARLÓN, Mario. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión (segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). In: CASTRO, Paulo César (org.). A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à mediatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo, RS. Editora: Unisinos, 2017.

HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre faticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. 2012. Mediatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo significante. In: J.J. JUNIOR et al. (org.), Mediação e mediatização. Salvador, EDUFBA; Brasília, Compós, p. 297-322.

_____. Mediatização, prática social-prática de sentido. In: 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2019.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. In: BRAGA, José Luiz; et al. Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013.

PENNA, Fernando. O **Escola Sem Partido** como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.) **Escola “sem” Partido – Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

ROSA, Ana Paula da. A circulação intermediática: espaço de cidadania ou mais ou do mesmo?. Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2013. Disponível em: http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/09/4-A_circula%C3%A7%C3%A3o-intermedi%C3%A1tica.pdf. Acesso em 20 de abril de 2019.

ROMANCINI, Richard. "Vamos tirar a educação do vermelho": o **Escola sem Partido** nas redes digitais [Internet]. E-COMPÓS (Brasília). **2018** ;21(1): 1-28.

VERÓN, Eliseo. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (orgs). Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.